

CARTA ABERTA

=====

À

=

PRESIDENTE DO CBCE

=====

por Manuel Sérgio

Minha boa amiga

No momento em que dou por findos quase dois anos de permanência no Brasil, nomeadamente nas Faculdades de Educação Física e de Educação da UNICAMP, conquanto não deva esquecer outras Universidades por que passei e os eventos em que participei, neste querido Brasil - permita-me que, na sua pessoa, eu abrace efusivamente todo o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte e aproveite o ensejo para lhe deixar algumas (simples) ideias transbordantes de muito respeito e admiração, por si, como profissional de uma perseverança e firmeza, admiráveis, e pela instituição a que preside.

Foram meses dramáticos e felizes os que passei neste País superabundante de vida, hipersentimental, religioso, esplendente de sonhos, de juventude e de certezas. Felizes, porque fiz amigos e solidifiquei antigas amizades, porque na impressionante grandeza do Brasil colhi ensinamentos que darão sentido e esperança a toda a minha vida; dramáticos porque, ao dizer e assumir o novo, mesmo na minha segunda Pátria, mesmo sentindo uma fé ardente nos destinos da magnífica Nação brasileira, pude inspirar algumas animadversões e, aqui e além, criar à minha volta, um ambiente de inquietação e desconfiança.

Feitas as contas, porém, o que vou levar de verdadeiramente belo, para Portugal, ultrapassa, em muito, o punhado de mágoas que me nasceram, neste País, e que mal escuto por entre a riqueza de timbres e de ternura, que me rodeiam, na hora da despedida. Mas, por que hei-de eu estranhar que na vida cresçam, inextrincavelmente unidos, o trigo e o joio, o poder humano de criar e o instinto telúrico de destruir, a súbita e triunfal sensação de plenitude e o sentimento mordente de incompletude, a generosidade e o despeito, o amor e o ódio? Não é a vida uma dialéctica em que as contradições se desenvolvem e se agudizam, rumo à superação e transformação da realidade existente? Afinal a dialéctica é sinal de esperança, mesmo quando assevera que o motor da história não são os valores ou as ideias, "mas os homens nas lutas que entre si travam como mediação e resolução de contradições objetivas que nascem na própria estrutura em que a produção social está organizada" (José Barata-Moura, Para uma crítica da Filosofia dos Valores, Lisboa, p. 48)...

Todavia, esta minha carta não é um mero texto de circunstância. Pelo contrário, traduz um processo de reflexão em torno do que vi e vivi, na Educação Física brasileira. E, só por isso, terá algum valor. Não, não tem nada a ver com o cogito cartesiano, porque, se penso bem, é sendo que pensamos, não é pensando que somos. Nem sequer aceito, também, o Antonio Gramsci, num dos seus cadernos da prisão, que ele próprio intitulou Introduzione allo studio della filosofia. Nele, Gramsci escreve, a dada altura: "Sem o homem, o que significaria a realidade do universo? (...). Sem a atividade do homem - criadora de todos os valores, mesmo científicos - o que seria a objetividade? Um caos, isto é, nada, o vazio (...). Para a filosofia da praxis, o ser não pode separar-se do pensar, o homem da Natureza, a atividade da matéria, o sujeito do objeto; se se faz esta separação, cai-se numa das muitas formas de religião ou na abstração sem sentido". De

fato, a questão da objetividade não é simplesmente a questão do conhecimento da objetividade e, assim, Gramsci anula a relação de reflexo que, entre ambos os planos, subsiste. Portanto, sem procurar confundir a ordem gnoseológica da significação com a ordem ontológica do ser, como Gramsci um tanto idealisticamente o faz (ou não fosse ele um estudioso atento de Croce) passo a resumir o que julgo dever escrever, neste momento:

1. A Educação Física brasileira precisa de criar uma teoria, que nasça do diálogo com a sua prática específica. Muita gente pode pensar a Educação Física, mas é missão histórica dos profissionais desta área teorizá-la, porque a praticam. E, daqui, bem pode partir-se para uma autonomia disciplinar, já que afinal temos uma prática autónoma. O grande erro do idealismo é criar, a partir do nada. Não acontece o mesmo com a ciência da motricidade humana, que surge da prática desenvolvida, ao nível da motricidade, por certos homens e certas instituições. Não defendo, hoje, um corte epistemológico, ao jeito althusseriano. Para mim, a ideologia não é o simples reverso das ciências. O que pretendo sublinhar é que a cultura hodierna exige a ciência da motricidade humana, como estudo do movimento intencional e não mecânico, do movimento que visa a totalidade e não daquele que se contenta com o reducionismo caprichista, episódico e superficial.

2. A Educação Física brasileira precisa fazer da teoria uma força material. Com efeito, no Brasil, como na Europa minha conhecida (e possivelmente no Mundo inteiro) a Educação Física não se sente à vontade para assumir a postura de Marx, na tese da ação das ideias como força material, enunciada na Introdução à crítica da filosofia do direito de Hegel. Cumpre registar a tese nas suas exatas palavras: "A arma da crítica não pode no entanto substituir a crítica das armas; a força material tem de ser derrubada pela força material, mas também a teoria se transforma em força material, logo que penetra nas massas". Marx

procurou, assim, resolver os problemas gnoseológicos deixados em aberto pelo kantismo. Mas continuemos a ouvir Karl Marx, dado que o tema é muito pouco abordado: "As revoluções necessitam de uma base material. A teoria só se realiza, na medida em que é a realização das necessidades de um povo. Ora bem (...) serão as necessidades teóricas diretamente, imediatamente práticas? Não basta que o pensamento se encaminhe para a sua realização; é preciso que a realidade se encaminhe para o pensamento (...). Uma revolução radical só pode ser revolução de necessidades radicais" (MEW 1, 387-388). Por conseguinte, a teoria assume poder material e materializa-se quando assenta sobre bases reais objetivamente existentes. Pergunto se o mesmo não acontece com a ciência da motricidade humana, face à crise que atravessa a Educação Física e à urgência de integrá-la na teoria e na prática do ser prático, rumo ao mais ser, tendo em conta (como não podia deixar de ser) as relações sociais e políticas existentes. Uma teoria não pode senão radicar na prática de que é teoria. As raízes sociais da teoria são por demais evidentes. Ora, não é verdade que é sobre a motricidade (e não sobre o físico) que os investigadores se debruçam, nesta área do conhecimento e que, portanto, a ciência da motricidade humana pode (e deve) transformar-se numa força material?

3. A Educação Física brasileira precisa de conhecer-se numa determinada prática social, que seja a razão primeira da sua dinâmica teórica interna. Que o mesmo é dizer: a Educação Física há-de assumir-se como pura vivência de um mundo que se deseja instaurar. Ela há-de ser um fazer que se faz fazendo o que os humilhados e ofendidos querem fazer, no processo da sua libertação.

4. A Educação Física brasileira precisa encontrar-se no vasto mundo da cultura, já que recusar a cultura é optar pela barbárie. Ou seja, há-de habituar-se a pensar a sua especialidade em articulação com as regularidades discursivas dos nossos dias. A Educação Física é a resultante da absolutização de um elemento constitutivo do ser humano e, portanto, vive nele uma base abstracta de aceitação da parte em detrimento do todo. Sem tombar nos exageros da identidade sujeito-objeto, acredito na inseparabilidade do homem daqueles valores que lhe dão significação e sentido... e que forçosamente se não-de encontrar ausentes desta área do conhecimento, enquanto o dualismo corpo-mente permanecer nos ditos exercícios físicos sistemáticos. O primado ontológico da totalidade faz-nos transcender a imediatez empírica da experiência, não apenas ontologicamente, mas também gnosiológica e epistemologicamente. E é então, no meu modesto entender, que a Educação Física morre, para ressuscitar como ciência e como cultura. E, renascendo como ciência da motricidade humana, ela deixa de ser tão-só um veículo de cultura, porque deita raízes, dialeticamente, nessa mesma cultura e transforma-se, ineludivelmente, numa das suas formas indispensáveis de problematização. Com efeito, "não existe (...) desenvolvimento cultural (...), sem o desenvolvimento científico e tecnológico" (Mario Bunge, Ciência e Desenvolvimento, Editora Itatiaia, Belo Horizonte, 1980, p. 23).

5. A Educação Física brasileira precisa encetar um trabalho inter e transdisciplinar com os grandes nomes da ciência e da filosofia deste País e não com "pastores de lugares comuns" que subrepticamente pretendem conquistar lugar de relevo, na Educação Física, porque lhes falta espaço nas suas especialidades de origem. Já é tempo de a Educação Física entrar de relacionar-se, dialogar com os intelectuais que corporizam a nova ordem científica emergente. Agora, dar guarida, com requintes de basbaquice, sancionando servilmente tudo o que disserem, a pessoas que não passam da mediocridade, no campo prático-teórico onde trabalham, equivale a colocar

a Educação Física na triste posição de simples recebedora de conhecimentos, venham eles de onde vierem, incluindo de alguns que, nos gestos comedidos e nas maneiras hieráticas, ocultam a mais absoluta vacuidade interior. Há quem prime por conservar-se arreado a qualquer assomo de vida cultural (perfeitamente desconhecido da vida intelectual da sua Pátria) e venha pontificar para a Educação Física, falando do que não sabe (porque só sabe Educação Física quem a prática). A esses há que enviá-los para as Faculdades de onde vieram, aconselhá-los a que cresçam e apareçam, depois. No saber que privilegio, para além da Motricidade Humana, a Filosofia, muito tenho aprendido com pensadores insignes brasileiros, como José Arthur Gianotti, Marilena Chauí, Sérgio Paulo Rouanet, Régis de Moraes, Rubem Alves e Olgária Matos. É com intelectuais deste jaez, cuja obra não envelhece facilmente e que se distingue pela frescura da imaginação, pelo rigor da análise e pela seriedade dos métodos, que importa estabelecer diálogo. Mesmo que representem escolas já em declíneo (o que não é o caso), seriam sempre ofuscantes no seu crepúsculo...

Esta a humilde mensagem, Sra. Presidente, que tenho a ousadia de confiar-lhe. Tem a clerezza, o desassombro e a probidade mental, que as minhas inúmeras limitações me permitem. Por isso, talvez não irradie simpatia, mas de certo inspira confiança. Até sempre, minha boa amiga.

Subscreve-se, fraternalmente, o

Manuel Sérgio